

Só o dólar e o ouro se destacam

LUIZ SÉRGIO GUIMARÃES

Em uma semana em que os pronunciamentos oficiais desencontrados deram a impressão de que a crise econômica é insolúvel, não seria surpresa que no mercado financeiro os dois ativos conversíveis universalmente — o dólar e o ouro — sobrepujassem os demais com certa facilidade. Foi o que aconteceu: as cotações no "black" subiram 12% na ponta vendedora e as do ouro, 9%. As bolsas de valores caíram continuamente ao longo da semana, com o índice Bovespa amargando um saldo negativo de 15,3%. As taxas de juros dos Certificados de Depósito Bancário (CDB) e do overnight lastreado com LBC também involuíram.

O cenário no mercado paralelo do dólar é bastante revelador do clima geral de incerteza que predomina quanto aos rumos da economia brasileira, embora alguns analistas de investimentos considerem que o "black" só é um termômetro do próprio "black". De qualquer forma, ele emitiu sinais de que alguma coisa está errada: de apático nas últimas semanas ele ganhou um vigor insuspeitado no final da semana, por conta do que parecia ser que impossível: o retorno dos compradores.

Depois de dois meses de letargia, as mesas de operação dos cambistas puderam constatar o ressurgi-

mento da figura que foi a tônica principal do "black" no ano passado: a falta de cobertura, ou seja, a quantidade de dólares disponível no mercado não era suficiente para cobrir a demanda, havendo mais compradores do que vendedores. Há, basicamente, dois motivos para explicar a alta no negro (na ponta vendedora, o preço saltou de Cr\$ 37,50 para Cr\$ 42,00): operações de atacado destinadas a remeter dólares ao Exterior e o retorno do investidor que havia vendido dólares para aplicar no overnight e que agora, diante da baixa da LBC, procura de novo os "verdes". Além disso, circularam rumores no paralelo de que antes do parto difícil do Plano Bresser irá nascer um pacotinho cambial contemplando as exportações, com uma maxidesvalorização cambial e os turistas, com o fim do imposto de 25% sobre as viagens. Por isso, o ágio em relação ao câmbio oficial, que chegou a baixar para até 8,5%, fechou a semana em 17,2%.

O mercado do ouro foi estimulado pela reação do "black" e pela alta nas cotações internacionais. No mercado "spot" da Bolsa Mercantil & de Futuros (BM&F), o grama passou de Cr\$ 570,00 para Cr\$ 621,00, subindo 8,9%. No mercado para entrega efetiva da Bolsa de Mercadorias de São Paulo (BMSP), a alta foi de 9,1%, com o grama saltando de Cr\$ 568,00 para Cr\$ 620,00. Tanto pa-

ra o "black" como para o ouro, os especialistas prevêem mais uma semana de ascensão.

AÇÕES

A quebra da corretora Plena, a terceira maior do mercado acionário paulista, logo na segunda-feira, foi o pretexto de que necessitavam as bolsas de valores para exercitá-la mais a sua atual vocação batrista, determinada, em primeiro lugar, pela total falta de credibilidade da política econômica do governo. O nervosismo dominou o sistema que passou a trabalhar sob uma avalanche de boatos: de que duas outras importantes corretoras, além de um conglomerado bancário de porte médio, estavam trilhando o mesmo caminho da Plena.

Ninguém sabe de onde surgem os boatos em meio ao alarido dos pregoes. Mas certamente eles beneficiam, neste caso, um participante do mercado acionário não exatamente caracterizado pela ingenuidade: o vendedor a descoberto no mercado de opções, bastante interessado em que a Bovespa continue em queda para não ser exercido, caso em que teria de ir ao mercado à vista comprar papéis para entregá-los aos detentores da opção.

Diante deste clima, não causou estranheza que o índice Bovespa tivesse, na sexta-feira, rompido o nível de suporte dos 6.500 pontos e acumu-

lado na semana perda de 15,3%. Para o período que se inicia amanhã, o investidor não pode esperar um certo desafogo. A semana será palco do término da rodada de exercício de opções de junho. Como há um grande número de posições a descoberto, o mercado ficará suscetível até as mínimas informações, verdadeiras ou não.

JUROS

O Banco Central reduziu durante a semana a taxa do overnight lastreado em LBC de 31,83% para 31,53%, demonstrando que está satisfeito com uma projeção inflacionária para maio entre 23,45% e 23,5%. Diante da excessiva quantidade de dinheiro no over, o BC atendeu-se ao luxo de deixar que o próprio mercado arbitrasse a taxa nos últimos dias da semana. Ele dispõe ainda de seis overnights — até o dia 15, quando se inicia um novo período de cálculo da LBC — para promover ajustes nas taxas.

No mercado de renda fixa, o segmento que importa — o do CDB com correção pós-fixada —, as taxas de juros caíram dois pontos percentuais. Os conglomerados de primeira linha encerraram a semana pagando entre 15% e 16% ao ano, além da variação da LBC. Mas não se empenharam muito na captação, porque a sua liquidez está muito boa e a demanda empresarial por empréstimos persiste muito fraca.